



Universidade de Brasília

Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade e Gestão de Políticas Públicas

Departamento de Administração

ALEXANDRE LÉLIS DE FREITAS

**A EDUCAÇÃO FINANCEIRA E A INSERÇÃO DO JOVEM NO
MERCADO FINANCEIRO**

Brasília – DF

2020

ALEXANDRE LÉLIS DE FREITAS

**A EDUCAÇÃO FINANCEIRA E A INSERÇÃO DO JOVEM NO
MERCADO FINANCEIRO**

Monografia apresentada ao
Departamento de Administração
como requisito parcial à obtenção do
título de Bacharel em Administração.

Orientador: Prof. Leonardo S. Conke

Brasília – DF

2020

ALEXANDRE LÉLIS DE FREITAS

**A EDUCAÇÃO FINANCEIRA E A INSERÇÃO DO JOVEM NO
MERCADO FINANCEIRO**

A Comissão Examinadora, abaixo identificada, aprova o Trabalho de Conclusão do Curso de Administração da Universidade de Brasília do aluno

Alexandre Lélis de Freitas

Prof. Leonardo S. Conke
Orientador

Dr. Carlos André de Melo Alves
Professor-Examinador

Dr. João Gabriel de Moraes Souza
Professor-Examinador

Brasília, 02 de dezembro de 2020.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a minha família e amigos pelo apoio na realização do trabalho; aos professores da Universidade de Brasília, que foram fundamentais durante o curso, e principalmente a meu pai, pelo exemplo e inspiração.

RESUMO

As finanças passaram a fazer parte do dia a dia dos brasileiros cada vez mais, com isso, surge a necessidade de entender como funciona o mercado financeiro e a área de investimentos pessoais. O objetivo central da pesquisa é entender se há alguma correlação entre o nível de educação financeira de uma pessoa e sua probabilidade de se inserir no mercado financeiro. Para a realização do trabalho foi elaborado um questionário com perguntas diretas, para medir o nível de educação financeira que tiveram, e quais comportamentos teriam frente a operações arriscadas do mercado financeiro. Pode-se constatar que a maioria das pessoas não consideram ter um grande conhecimento sobre finanças, apesar de concordarem que é um assunto muito importante em suas vidas, apesar de o Brasil já ter iniciado sua caminhada para educar financeiramente a população, e sem custos, seguindo recomendações de organizações e bancos centrais. Viu-se que existe uma relação entre educação financeira e inserção no mercado; aquelas pessoas que conhecem mais sobre investimentos e finanças, participam mais do mercado financeiro e são mais propensas às operações de riscos, uma vez que conhecem o funcionamento e estão cientes dos riscos envolvidos.

Palavras-chave: Educação Financeira, Mercado Financeiro, Riscos, Investimentos, Bolsa de Valores.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Conhecimento sobre Finanças.....	22
Figura 2 - Considero meu conhecimento sobre finanças suficiente	23
Figura 3 - Método utilizado para aprender sobre finanças.....	24
Figura 4 - Meio utilizado para se atualizar sobre finanças.....	25
Figura 5 - Quem deve ensinar sobre finanças.....	26
Figura 6 - Percentual de renda investido / Situação financeira no final do mês	27
Figura 7 – Controle sobre as próprias finanças	28
Figura 8 - Principal objetivo ao investir.....	29
Figura 9 - Intenção de investir na bolsa de valores / Tipo de risco percebido	30
Figura 10 – Perfil de aceitação de risco dos participantes.....	31
Figura 11 - Características do Perfil Conservador	32
Figura 12 - Características do Perfil Moderado	33
Figura 13 - Características do Perfil Agressivo.....	35

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	11
2.1	Mercado de Capitais e o Investidor Brasileiro	11
2.2	Risco e Comportamento	12
2.4	Educação Financeira	15
3	MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA	18
3.1	Descrição geral da pesquisa	18
3.2	População e amostra.....	18
3.3	Instrumento de pesquisa, procedimentos de coleta e de análise de dados.....	19
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	21
4.1	Educação Financeira	21
4.2	Investimentos Atuais.....	26
4.3	Relação com Risco.....	28
4.4	Perfil de Risco.....	30
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
	REFERÊNCIAS	38
	APÊNDICE	42

1 INTRODUÇÃO

A educação financeira tem se tornado um assunto cada vez mais recorrente dentro das casas das famílias, fato que decorre principalmente da crise econômica ocorrida em 2008, que fez que o assunto da educação financeira fosse mais buscado não só no Brasil como no mundo todo (BRASIL, 2019). Com o assunto em ênfase, as empresas passaram a se preocupar em oferecer educação financeira básica à população (CAPOZOLI, 2019), abrindo espaço para que as pessoas tenham mais acesso a propagandas e vídeos sobre investimentos, bolsa de valores e assuntos relacionados aos ativos financeiros.

Segundo a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico – OCDE (2005) em muitos casos, as dívidas financeiras das famílias são contraídas mais por problemas de educação financeira básica do que pela falta de renda. Em maio de 2019 a Bolsa de Valores brasileira atingiu pela primeira vez o patamar de 1 milhão de investidores pessoa física registrados, refletindo a busca dos brasileiros por buscarem novos mercados, o que pode ser fruto de maior interesse em educação financeira.

Outro fator que pode mostrar os motivos pelo qual os brasileiros têm buscado mais a Bolsa de Valores é o valor da taxa básica de referência, que no período de 2019 e 2020 estava em nível considerado baixo para os padrões históricos brasileiros. Por isso, passou a fazer um pouco mais de sentido aceitar o risco oferecido na Bolsa de Valores, que ficar com rendimentos baixos, aplicando em títulos de renda fixa.

Para se ter acesso ao mercado de capitais brasileiros é necessário apenas que se tenha uma conta em alguma corretora ou banco de investimentos, e isso, hoje em dia, pode ser feito apenas pelo uso de um telefone celular. Essa facilidade em acessar o mercado não deve ser confundida com uma ideia de que também é fácil obter bons resultados operando na bolsa de valores.

Não é raro encontrar propagandas que apresentam a atividade de investir como um trabalho de ganhos espetaculares, com flexibilidade (trabalhar de onde e quando quiser), sem horário específico, sem patrão e com possibilidades de multiplicar o patrimônio com rapidez. Esse tipo de abordagem logicamente atrai milhares de pessoas que acreditam neste sonho, pensam em mudar de vida e sonham com o que

nunca imaginaram antes. Chague e Giovannetti (2019) mostraram que viver de *day trade* (modalidade de investimento onde se fazem especulações diárias de compra e venda de ativos) é quase impossível, e mesmo assim o número de brasileiros que participam dessa modalidade parece vir aumentando. A pesquisa desses autores consistiu em analisar mais de 30 mil investidores ao longo dos anos de 2012 a 2017, desses, mais de 90% desistiram das operações de *day trade* após um ano de experiência, e dos poucos que continuaram mais de 90% tiveram prejuízo; apenas 1% das pessoas pesquisadas conseguiram ter lucro médio diário acima de R\$ 300. Além do resultado ser surpreendente para aqueles que entram no mercado com grandes esperanças, outro ponto deve ser destacado é que pessoas que mesmo após 1 ano de experiência se mantiveram operando no mercado, o resultado não melhorou.

Nos últimos anos, o mercado de capitais brasileiro tem se expandido e o número de investidores aumentado. Assim, espera-se que os novos agentes sejam educados e capacitados financeiramente para a economia evoluir como um todo. Braunstein e Welch (2002) afirmam que uma má administração do dinheiro deixa a sociedade mais vulnerável a crises financeiras.

Considerando este contexto, o objetivo principal com este trabalho é identificar se os investidores que se inserem no mercado de capitais hoje, tiveram algum tipo de educação financeira e se ela teve influência na decisão de participar deste mercado. Além disso, é de interesse observar se as pessoas que tiveram acesso à educação financeira são mais propensas a aceitar operações mais arriscadas ou optam por operações com menor risco já que conhecem sobre o mercado.

Os resultados desta pesquisa podem ser importantes para ajudar pesquisadores a entender a entrada de jovens no mercado financeiro já que é um público cada vez mais presente na bolsa de valores. Segundo Larghi (2019), o número de jovens entre 16 e 25 anos já ultrapassa 10% dos investidores ativos na Bolsa de Valores; se comparado com 2017, o número de investidores pertencentes a este grupo teve um aumento impressionante de 830%. Este trabalho pode contribuir para difundir a educação financeira entre os brasileiros e as empresas. As próprias organizações podem se interessar por financiar projetos que levam a informação educacional às pessoas, como por exemplo o Ministério da Educação (MEC) que em 2014 disponibilizou gratuitamente materiais de educação financeira para alunos e

professores poderem incluir a disciplina nas escolas, tornando a informação acessível. Busco com esse este trabalho poder inspirar atitudes como essa.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste referencial, os principais conceitos da pesquisa são abordados e conceituados, com o objetivo de facilitar o entendimento e como forma de embasar a pesquisa. Os tópicos elencados a seguir serão usados em conjunto durante a realização da pesquisa, e servirão como base para a conclusão dos resultados.

2.1 Mercado de Capitais e o Investidor Brasileiro

O Mercado de Capitais “é um mecanismo de distribuição de valores, cujo propósito, é prover liquidez dos títulos que as empresas emitem, bem como promover a capitalização dos mesmos” (GOLLO, 2009, p.34). Os participantes centrais do mercado de capitais são as bolsas de valores, as sociedades corretoras e as instituições financeiras autorizadas. Uma das principais características do Mercado de Capitais é ser o elo de ligação entre superavitários (pessoas que poupam e detêm o capital) e deficitários (pessoas que necessitam de recursos), e junto desta característica, também oferece dinamismo e liquidez ao mercado, uma vez que os títulos ali obtidos podem ser vendidos a qualquer momento (SILVA, 2008). Para Silva (2008) o Mercado de Capitais tem papel fundamental no desenvolvimento econômico de um país, pois é o meio através do qual as empresas obtêm recursos para financiar seus projetos de crescimento, além de ajudar da geração de novos empregos e renda.

Segundo Pires et al. (2012) historicamente, o Brasil é considerado uma economia de grande risco para quem deseja investir em ações e isso se deve, em partes, pelo fato de o país ter apresentado altos índices de inflação até a década de 1990. Em consequência disso, o brasileiro aprendeu a investir seu dinheiro buscando proteger e preservar seu capital, e criou uma certa negatividade e aversão à bolsa de valores, acreditando ser um mercado arriscado, de especulação. Pires et al. (2012) ainda afirmam que durante gerações, crianças brasileiras foram ensinadas a proteger seu patrimônio e evitar aplicar seu dinheiro em ativos arriscados, afastando o investimento no mercado de ações, e cada vez mais disseminando essa concepção.

Lanzarini et al. (2011) afirmam que o período de 1995 a 2000 foi de intensas crises financeiras, levando investidores a buscarem economias mais sólidas, e o Brasil, juntamente com o bloco dos países emergentes, acabou perdendo atratividade, trazendo muita volatilidade ao nosso mercado e causando períodos de grande valorização seguidos de grandes quedas.

A forma como os investidores encaram o mercado é um dos principais fatores em que nossa economia se difere de países maiores como os Estados Unidos. Diferente dos brasileiros, os americanos não contam com sistemas de saúde e educação públicos, então desde cedo já são habituados a buscarem uma boa educação financeira caso desejem estudar em boas escolas e universidades. Lá o investimento em ações é um método extremamente difundido para acumulação de capital, e cerca de 30% dos americanos possuem aplicações em ações fomentando e ajudando o crescimento da economia do país (PIRES et al., 2012).

Considerando esses pontos, a situação do Brasil parece estar mudando e as ações movimentam um mercado cada vez mais crescente. Isso é muito importante para as empresas, já que é uma excelente forma de captar recursos para os projetos da organização e com retorno aos seus acionistas, e cada vez mais as empresas de capital aberto veem a necessidade de ter uma boa relação com seus investidores (PINESE; MORIGUCHI; PIMENTA, 2015).

Silva (2008) também reconheceu que o Mercado de Capitais brasileiro estava em expansão não só devido ao crescimento econômico e redução de juros, mas também pela expansão do número de investidores na economia mundial. Para o autor, o crescimento do mercado de capitais implica novos fenômenos que precisam ser analisados, de forma a melhorar a regulamentação do mercado, objetivando proteger os novos agentes participantes.

2.2 Risco e Comportamento

O Mercado de Capitais está diretamente ligado à ideia de risco, uma vez que esse mercado é constituído por pessoas com pensamentos diferentes, e os “produtos” ali negociados, são precificados pela oferta e demanda. Sendo assim, existe ali um risco explícito de se ter prejuízos financeiros.

A palavra risco tem sua origem do latim *ressecare* que significava cortar separando. Ao longo do tempo, o vocábulo teve sua escrita e sentido alterados no idioma italiano, *risicare* que significa ousar, arriscar, atrever-se (OLIVEIRA, 2004).

Moreira (2006) declara que a existência do risco se deve à probabilidade de o resultado obtido ser diferente daquilo que se espera, mesmo que esses resultados sejam superiores. Entretanto, as definições usualmente classificam o risco como as chances de resultados negativos acontecerem e, por isso, o autor classifica o risco como sendo “a probabilidade de ocorrência de um resultado futuro não esperado, podendo também ser definido como a possibilidade de prejuízo financeiro” (p.18).

No mercado financeiro, o tipo de risco mais conhecido é o risco de mercado, que é definido, segundo o BNDES (2019), como “a possibilidade de ocorrência de perdas resultantes da flutuação nos valores de mercado de posições ativas e passivas detidas pela instituição financeira”. Alguns dos riscos presentes são da variação cambial, das taxas de juros, dos preços de ações e mercadorias. Basicamente é a chance de algo não ocorrer como planejado, algo bastante comum no mercado de ações.

Ativos financeiros que compõe o mercado de capitais oferecem diferentes tipos de riscos, visibilidade e complexidade, o que afeta a percepção dos investidores e influencia suas decisões. Portanto, características intrínsecas à pessoa como sua cultura, hábitos e fatores psicológicos influenciam diretamente um investidor no momento da sua tomada de decisão (HOFFMANN; BROEKHUIZEN, 2010).

Rogers, Favato e Securato (2008) usam o conceito de aversão a perdas como referência, e percebem que o receio que os investidores têm em perder seu patrimônio faz com que criem barreiras psicológicas, não enxerguem probabilidades e ignorem dados históricos. Tudo isso abala ainda mais o seu psicológico, e eles tomam mais decisões irracionais que os levam a mais perdas. Um fator interessante que resultou da pesquisa desses autores, que leva as pessoas a não aprenderem com as experiências passadas, foi ver que os investidores têm a ilusão do conhecimento, isto é, um investidor acha que sua previsão tem mais chances de ser realizada quanto mais informações sobre ela ele obtiver; entretanto, essas informações não significam que a previsão está correta ou que elas podem influenciar o resultado de um investimento.

Esses resultados foram adquiridos usando-se o conceito de aversão a perdas, porém os riscos de ganhar e de perder são diferentes, e a percepção dos investidores quanto a esses dois tipos também varia. Júnior e Famá (2002), ao estudarem o assunto, concluíram que investidores tendem a segurar suas posições quando veem seus investimentos caindo, para não realizar um prejuízo. Os investidores acham mais sensato esperar o ciclo de queda acabar para que seu investimento volte a subir a pelo menos, um nível de perda menor. Entretanto, quando enxergam um ciclo de alta, preferem se desfazer de suas posições logo e ganhar o lucro mesmo que seja pequeno, a esperar que este ciclo chegue até o seu fim e talvez obter ganhos maiores. Além disso, outra conclusão importante de sua pesquisa é que o fato de um indivíduo ter a percepção de determinado risco como menor, não quer dizer que esta pessoa seja mais propensa ao risco, e sim que apenas a sua percepção é diferente.

O estudo das Finanças Comportamentais teve seu início com os trabalhos de Kahneman e Tverski (1979), que buscaram entender o comportamento dos indivíduos e a tomada de decisões em situações que envolviam risco. Como resultado de suas pesquisas, foi percebido que os seres humanos sentem com mais intensidade a frustração da perda do que o prazer de um ganho, mesmo que eles sejam equivalentes.

O funcionamento do Mercado de Capitais é explicado por Silva (2008) como uma ligação entre agentes que buscam se capitalizar, e agentes que possuem esse capital; o objetivo das Finanças Comportamentais é entender a tomada de decisões e o comportamento desses agentes, principalmente quando as circunstâncias envolvem algum tipo de risco, como explicado por Kahneman e Tverski (1979).

Antes do estudo das Finanças Comportamentais, as principais teorias relacionadas às finanças, em sua grande maioria, consideravam um modelo de racionalidade dos agentes econômicos, ou seja, todos os indivíduos adequariam as suas decisões de forma mais racional possível após receberem novas informações (YOSHINAGA, 2008). A hipótese de que todos os agentes eram racionais, passou a não ser vista na prática, e por isso viu-se a necessidade de estudar o comportamento dos indivíduos, tentando explicar o motivo pelo qual os fenômenos não racionais aconteciam, assim surgindo as Finanças Comportamentais (ROGERS; FAVATO; SECURATO, 2008). Segundo Júnior e Famá (2002), os estudos em relação ao

comportamento dos investidores trouxeram a psicologia para dentro das finanças, criando assim as Finanças Comportamentais, com uma abordagem totalmente do tomador de decisões. A visão é de que o investidor não é completamente racional e nem sempre pondera suas decisões, e sim que é um ser humano, com diversas influências externas da sua natureza humana, cultura, e comportamentos que ditam sua forma de tomar decisões, podendo afastá-lo da racionalidade. Na prática, as informações não são as mesmas para todos, a percepção de risco é diferente de pessoa para pessoa, e os investidores não usam o mesmo modelo de precificação.

2.4 Educação Financeira

O conceito de Educação Financeira foi descrito pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico como o método que consiste em desenvolver o entendimento das pessoas sobre produtos, e conceitos financeiros, usando-se da boa informação, e aconselhamento certo, que pode criar no indivíduo a habilidade e confiança de tomar decisões com mais consciência dos riscos e oportunidades, além de o auxiliar a saber onde buscar ajuda e continuar aprimorando seu entendimento e bem-estar financeiro (OCDE, 2005).

Levando em consideração o conceito apresentado, a educação financeira está relacionada com os outros temas deste trabalho no sentido de entender se o aprimoramento da compreensão sobre produtos e riscos é um fator que leva os novos entrantes a se inserirem no mercado de capitais.

A educação financeira traz benefícios universais, principalmente às crianças e adolescentes que deverão formar uma nova geração de adultos mais conscientes de seus gastos e menos endividados. Mas no Brasil, nem as famílias e nem as escolas oferecem educação financeira às suas crianças, e as consequências disso estão diretamente ligadas às oscilações econômicas e o endividamento tanto das pessoas quanto do país (PIRES et al., 2012).

A influência da educação financeira na quantidade de pessoas participando do mercado de capitais ajuda a disseminar a importância deste mercado para o desenvolvimento econômico do país, além de melhorar o próprio mercado, já que a

liquidez é diretamente proporcional ao número de participantes deste ambiente (MEIER; SPRENGER, 2012).

Os resultados da pesquisa de Amorim (2018) mostraram que uma pessoa que possui alguma parte de sua renda guardada e possui o máximo de conhecimento financeiro, tem 28% de chance de se inserir no mercado financeiro. Existe uma relação positiva entre o nível de educação financeira e a inserção no mercado de capitais, e um investimento direto em educação financeira levaria mais pessoas a participarem do mercado. Além disso, o conhecimento financeiro médio dos brasileiros se mostrou abaixo da média internacional, corroborando a ideia de que investimentos na área da educação financeira devem ser feitos, de modo a aumentar o tamanho e qualidade do mercado de capitais brasileiro.

Matsumoto (2013) reconhece que o Brasil está em um inicial e lento processo de Educação Financeira, que os conceitos financeiros são bem entendidos pelos brasileiros, mas também defende que a prática deve ter fundamentos melhores. Ainda, ele afirma que o governo e a sociedade devem se preocupar com o cenário atual e promover programas para desenvolver a Educação Financeira

Investidores novatos são o principal público alvo de quem promove a educação financeira. Esse grupo tende a cometer erros principalmente pela falta de experiência no mercado, e essa série de erros os fazem pensar que o ambiente da Bolsa realmente é um lugar de sorte e acabarem desistindo de investir. Lanzarini et al. (2011) constataram que investidores mais experientes acabam tendo uma vantagem sobre os novatos por saberem se comportar diante do mercado. Quando os preços estão consideravelmente baixos, os mais experientes passam a comprar esses ativos por estarem baratos e essa demanda dos veteranos faz com que os preços subam naturalmente pelo excesso de demanda. Um iniciante, ao se deparar com este cenário de alta dos preços, se anima e entra no mercado pagando preços altos nas ações ou outros ativos, por achar que aquela onda vai perdurar por algum tempo e seus investimentos irão valorizar. Eis que chega um momento em que os experientes percebem que os preços já estão altos, passam a vender suas posições e ter lucros, causando um novo ciclo de queda por conta da grande oferta de ativos. Então, os novatos ao verem seu patrimônio diminuir, se desesperam e vendem também suas posições quando os preços já caíram, realizando prejuízos em suas carteiras. Então,

este novo patamar de preços atrai os experientes que passam a comprar ativos e o ciclo se repete inúmeras vezes. Essa é a vantagem explicada por Lanza et al. (2011): os experientes sabem controlar as emoções e não se desesperam ao ver os preços caindo; pelo contrário, eles aproveitam para comprar mais barato, o que é um dos principais erros dos iniciantes, de comprar na alta e vender na baixa.

3 MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA

3.1 Descrição geral da pesquisa

A abordagem escolhida foi de Levantamento. Como explicado por Gil (2008), os levantamentos têm a característica de permitirem fazer um questionamento direto aos participantes do grupo estudado, e basicamente espera-se receber respostas para serem analisadas de forma quantitativa, e posteriormente tirar conclusões com base nos dados coletados. O autor ainda explica que as principais vantagens de se fazer um levantamento são: a facilidade de se reconhecer a realidade, já que as respostas estão vindo diretamente do grupo a ser observado, estreitando o espaço para subjetividade do pesquisador; economia e rapidez, pois se pode obter um grande número de respostas em curto espaço de tempo, principalmente utilizando-se questionários na internet, que foi o caso dessa pesquisa; e por fim a quantificação das respostas e facilidade de comparação e uso de análises estatísticas.

O principal motivo para a utilização do levantamento é a possibilidade de indagação direta de uma parte da população de interesse, obtendo respostas mais parecidas com a realidade. A possibilidade de comparação quantitativa também foi levada em conta.

3.2 População e amostra

Como o trabalho busca estudar os indivíduos que estão iniciando no mercado de capitais, optou-se por escolher uma amostra de estudantes universitários que possuíssem renda suficiente para poderem realizar investimentos em mercado de ações. Por isso, a amostragem foi intencional, com o objetivo de obter dados com grupos específicos. Inicialmente, enviou-se um questionário para respondentes que cursavam o ensino superior e tinham idade até 30 anos, pediu-se também que esses mesmos participantes divulgassem a pesquisa para outros possíveis respondentes de

perfis parecidos. No total, 54 respondentes participaram da pesquisa, com idades entre 19 e 53 anos. A amostra ficou bem dividida, 50% se identificaram como “Mulher”, 46% como “Homem” e 4% não se identificaram. Além disso, 46% possui renda familiar maior que R\$10.450.

3.3 Instrumento de pesquisa, procedimentos de coleta e de análise de dados

Para colher as respostas dos participantes, foi elaborado um questionário, aplicado de forma virtual, com 28 perguntas divididas em 3 seções. Um questionário é conceituado como uma técnica de investigação para colher informações sobre diversos assuntos, elaborado na forma de questões submetidas aos participantes, e na maioria das vezes são perguntas escritas. Sua elaboração consiste basicamente em representar o objetivo da pesquisa na forma de questões, e as respostas dessas, serão o material a ser analisado, e de onde sairá o resultado e conclusão (GIL, 2008).

A escolha da utilização do questionário se deu principalmente pela impossibilidade de contato físico e facilidade de obter respostas a distância; a facilidade em atingir mais pessoas em um tempo curto; e a possibilidade de consolidação dos resultados, já que foram usadas questões fechadas.

Questões fechadas foram explicadas por Gil (2008) como uma categoria de perguntas onde os respondentes apenas escolhem alternativas de respostas para o questionamento, facilitando muito mais a comparação entre respostas e visualização dos resultados em gráficos e tabelas. Com o porém de que talvez nem todas as alternativas possíveis estejam no questionário, por isso devem ser muito bem elaborados, pensando em todo tipo de indivíduo que a pesquisa pode atingir.

O questionário utilizado foi desenvolvido a partir dos textos da revisão teórica e a partir de questionários de análise de risco de instituições financeiras. Os questionários tiveram três seções: a primeira seção do questionário foi composta por perguntas sobre finanças, investimentos e educação financeira, de forma a identificar qual o perfil daquele participante e qual seu posicionamento em relação ao assunto tratado. A segunda seção possuiu uma série de perguntas de forma que os respondentes deveriam dizer como se comportariam frente aos riscos que existem no

mercado de capitais. E a terceira seção foi formada por dados sociodemográficos, na tentativa de criar um perfil dos participantes. Todas as respostas do questionário foram dadas de maneira totalmente oculta e digital, e a grande maioria das perguntas na pesquisa eram de múltiplas escolhas (Apêndice).

Com o encerramento do período para responder o questionário, as respostas coletadas foram todas passadas para uma planilha de Excel, de forma a facilitar a comparação entre respostas, montagem de tabelas e gráficos.

Utilizou-se algumas perguntas do questionário, para identificar um perfil de aceitação de risco de cada respondente. Para cada escolha possível de resposta, foi atribuída uma pontuação, e ao final do questionário, de acordo com a soma dos pontos, o participante foi classificado como conservador, moderado ou agressivo. Com o perfil definido, os respondentes que tinham o mesmo resultado foram agrupados a fim de fazer comparações entre eles e entre grupos de perfis diferentes.

Na análise dos resultados foram feitas estatísticas descritivas, e utilização dos textos e autores apresentados no referencial teórico, buscando a comparação de resultados para confirmar ou contrariar as ideias passadas pelos autores em suas obras.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Educação Financeira

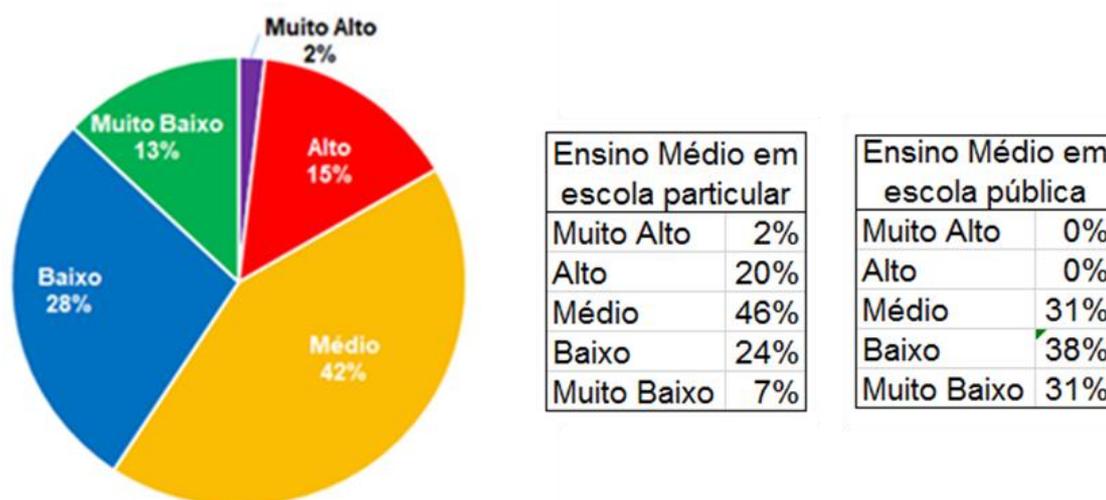
Para medir a visão que o participante tem sobre si mesmo em relação aos seus conhecimentos sobre finanças, foi pedido para que escolhessem uma alternativa que melhor refletisse seu entendimento. A grande maioria classificou seu entendimento sobre finanças como “Médio” e quase 30% classificou como “Baixo”. Uma parcela muito pequena de 2% classificou como “Muito Alto”. Dentre aqueles que fizeram o ensino médio em escola pública, a maioria se classificou como “Baixo”, uma parcela importante de 30% se classificou como “Muito Baixo” e ninguém se classificou como “Alto” ou “Muito Alto”. Já entre aqueles que fizeram o ensino médio em escolas particulares, a maior parte das respostas se classifica como “Médio”, e 22% se classifica como “Alto” ou “Muito Alto” (Figura 1).

Resultados parecidos são vistos no trabalho de Luz e Santos (2015) onde se perguntou a estudantes do ensino médio se sabiam o que era educação financeira, e 96% dos alunos estudantes da rede particular afirmaram que sim, enquanto 75% dos alunos da rede pública deram a mesma resposta.

Brönstrup (2016) destaca as consequências de indivíduos que não tiveram contato com questões relacionadas ao planejamento financeiro, e acabam se tornando inadimplentes, criando situações difíceis e com dívidas maiores que sua capacidade financeira.

A educação financeira deve ser um assunto de interesse geral, tanto de crianças, adultos e da sociedade como um todo, de forma que tenha a função de melhorar a qualidade de vida no futuro, e conscientizar crianças na fase escolar é capacitá-las para saber onde querem chegar na fase adulta (CRUZ et al., 2017).

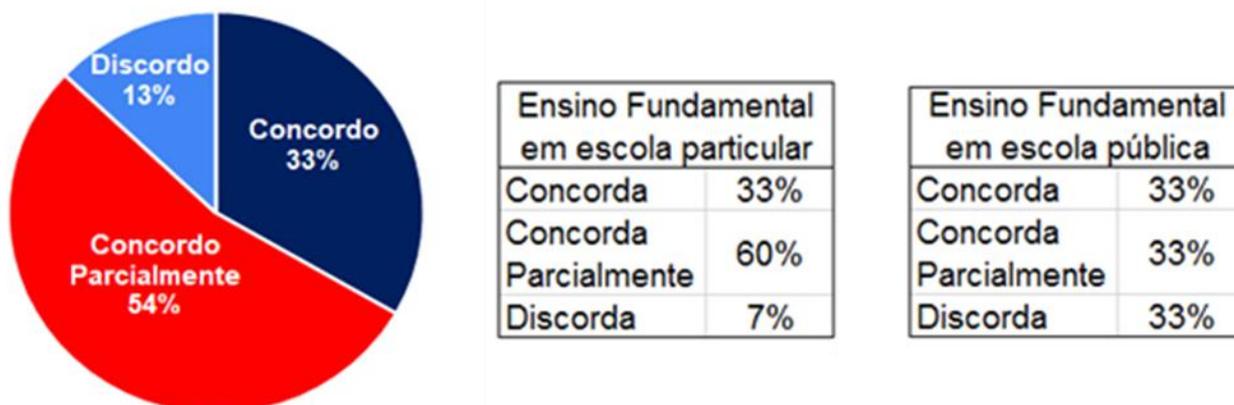
Figura 1 - Conhecimento sobre Finanças



Mesmo que a grande maioria não considere possuir um conhecimento alto sobre finanças, 87% concorda parcialmente ou completamente que o que sabem já é suficiente para uma vida financeira bem organizada, mostrando que a maioria das pessoas não enxerga a necessidade de um conhecimento alto sobre o assunto para organizar as próprias finanças (Figura 2). Cruzando os dados quanto ao ensino fundamental, vimos que aqueles que tiveram a educação fundamental em escola particular, apenas 7% discordam que o conhecimento que possuem é o suficiente para uma vida financeira organizada, enquanto aqueles que estudaram em escolas públicas no ensino fundamental, 33% discordam da afirmação. Aqui não se pode afirmar se o conhecimento é alto mesmo, apenas se a pessoa se considera apta a controlar a sua vida financeira. Uma pessoa que aplica apenas em poupança ou não faz investimento algum pode não ter um conhecimento alto sobre finanças, e mesmo assim achar que o conhecimento que tem é o suficiente para manter as contas em ordem.

Em uma pesquisa realizada pelo Banco Central em 2017, apenas 27% dos respondentes conseguiram acertar uma questão simples sobre inflação, e em uma avaliação internacional de letramento financeiro aplicada em 2015, que mede o conhecimento de jovens de 15 anos, o Brasil ficou em último lugar entre os quinze países participantes (ENEF, 2019).

Figura 2 - Considero meu conhecimento sobre finanças suficiente

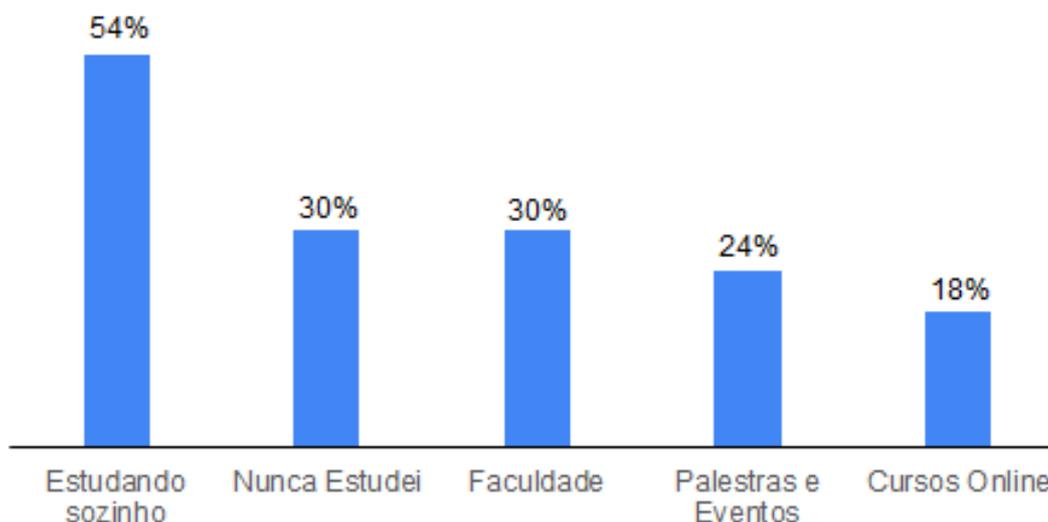


Os resultados indicam uma tendência de diferença na percepção dos alunos vindos de escolas públicas e de escolas particulares. Os estudantes de escolas particulares se colocaram como mais preparados e confiantes em se tratando de ter uma boa base de conhecimentos financeiros. É provável, que os alunos de escolas particulares se classifiquem com um nível maior de educação financeira por terem mais acesso a recursos, e por isso são ensinados mais sobre a forma de se relacionar com dinheiro e investimentos, entretanto, é necessário que se façam mais pesquisas a respeito do tema para que se possa efetivamente observar o motivo da diferença observada.

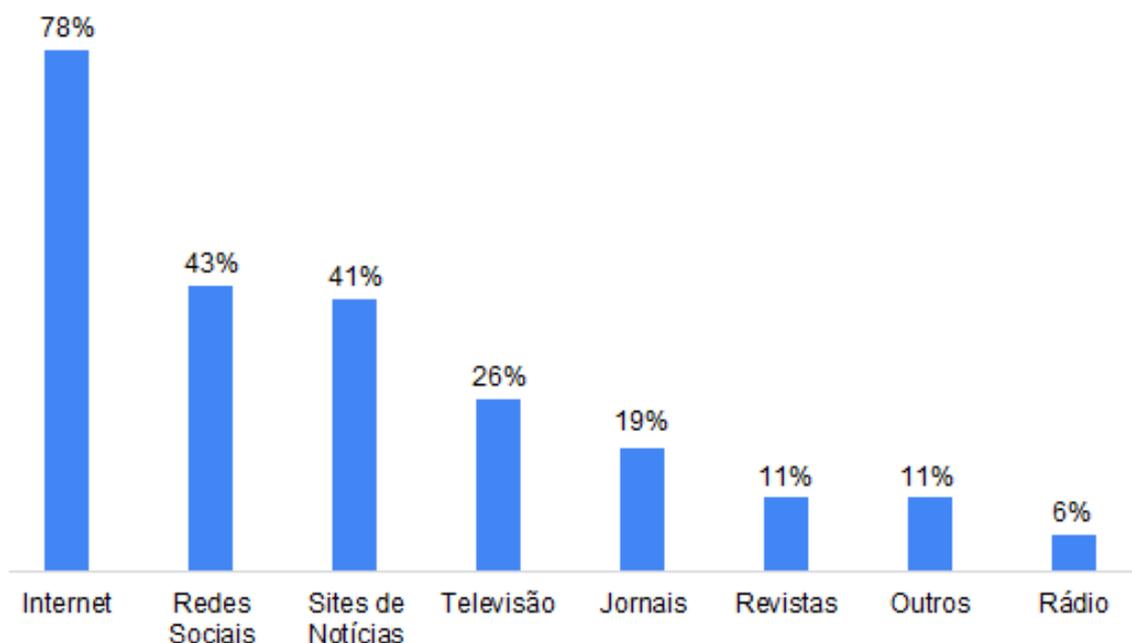
Quanto ao acesso à Educação Financeira, a maioria disse ter aprendido o que sabe sozinho, além de uma grande parte (30%) também nunca ter estudado sobre o assunto (Figura 3), corroborando com a afirmação de Matsumoto (2013) que o processo de Educação Financeira é lento no Brasil, devendo o governo olhar mais para projetos de educar financeiramente a população. Matta (2012) reconhece que o Brasil tem buscado ao longo do tempo crescer na educação pública para a sociedade, seguindo diversas recomendações da ONU e de bancos centrais, principalmente com a criação da Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF). A ENEF foi criada com o objetivo de “promover a educação financeira e previdenciária e contribuir para o fortalecimento da cidadania, a eficiência e solidez do Sistema Financeiro Nacional (SFN) e a tomada de decisões conscientes por parte dos consumidores” (ENEF, 2019). Isso pode ser um primeiro passo para o avanço do tema no país, já sendo possível

notar o aumento das pesquisas sobre finanças pessoais no meio acadêmico e científico.

Figura 3 - Método utilizado para aprender sobre finanças

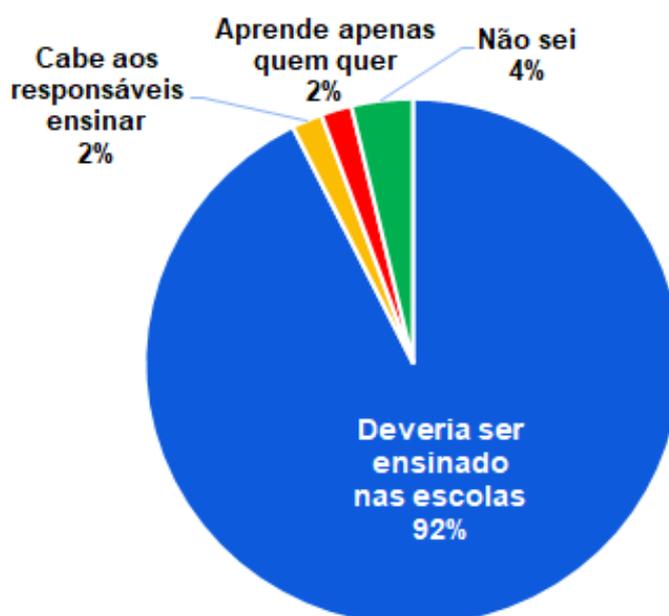


Além disso, a grande maioria dos participantes afirmaram usar a internet como principal meio de se manter atualizado, seguido pelas redes sociais (Figura 4), o que reflete o anseio pelo acesso à informação, mas o problema disso é que não se sabe que tipo de conteúdo essas pessoas estão de fato consumindo. Esses meios são de acesso rápido e fácil e é difícil garantir que as informações contidas ali são verdadeiras e de boa qualidade. Trabalhos futuros podem usar como problema de pesquisa, a qualidade dos conteúdos consumidos por pessoas que buscam informações por conta própria na internet, já que a navegação online nos permite inúmeras possibilidades, é necessário ter cuidado não só com conteúdos sobre finanças, mas com qualquer tipo de informação.

Figura 4 - Meio utilizado para se atualizar sobre finanças

Quanto ao ensino sobre finanças, 92% concordam que esse assunto deveria ser ensinado nas escolas (Figura 5). Existe quase um consenso, onde a maioria dos participantes da pesquisa concorda que esse assunto é sim importante, e deveria ser ensinado para crianças nas escolas, sugerindo que os brasileiros almejam receber esse tipo de educação, por ser um assunto relevante que impacta diretamente a vida adulta. Brönstrup e Becker (2016) indicam que poderíamos supor que se a relevância da educação financeira fosse abordada inserindo o tema nos currículos escolares, ao acabar o ensino médio, o aluno já teria um importante grau de conhecimento para se organizar financeiramente, e juntamente com o conhecimento financeiro, os ensinamentos recebidos dariam aos jovens uma visão mais otimista sobre o futuro, incentivando-os a alcançar sonhos, através da organização financeira.

Figura 5 - Quem deve ensinar sobre finanças



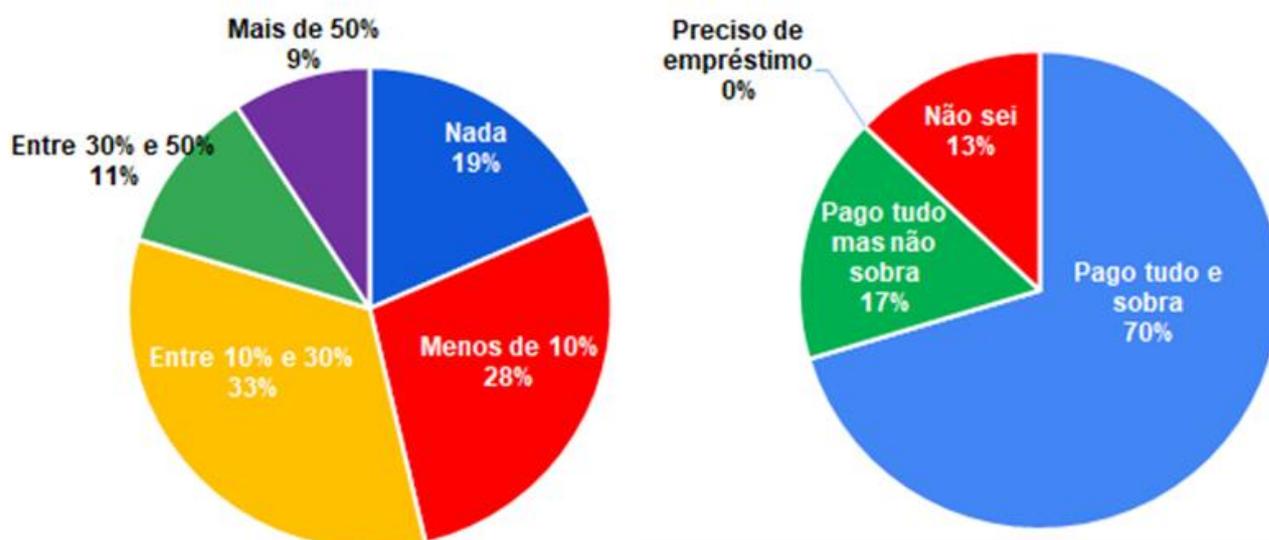
4.2 Investimentos Atuais

Os participantes também foram perguntados sobre seus investimentos atuais, o que poderia ajudar a entender o quanto estão dispostos a arriscar e o quanto se sentem confiantes para poder investir. Quanto ao nível de poupança das pessoas, 47% afirmaram investir menos de 10% do que ganham, ou nada (Figura 6). Esse dado mostra que parece haver dificuldade em se ter recursos para investir, mesmo que a maioria das pessoas tenham dito que conseguem pagar todas as contas do mês e ainda sobrar dinheiro. O problema da falta de investimentos pode estar na falta de conhecimento sobre investimentos e como fazê-los. É necessário que o conhecimento sobre educação financeira seja espalhado na sociedade, e incentivar as decisões e participação consciente nesse mercado (AMORIM, 2018).

Além disso, é interessante também notar que os participantes que têm renda familiar acima de R\$10.450, 8% disseram não poupar nada da sua renda mensal, e 16% pouparam mais de 50% da renda mensal. Já os participantes com renda familiar abaixo de R\$10.450, 27% não pouparam nada por mês, e 3% apenas consegue poupar

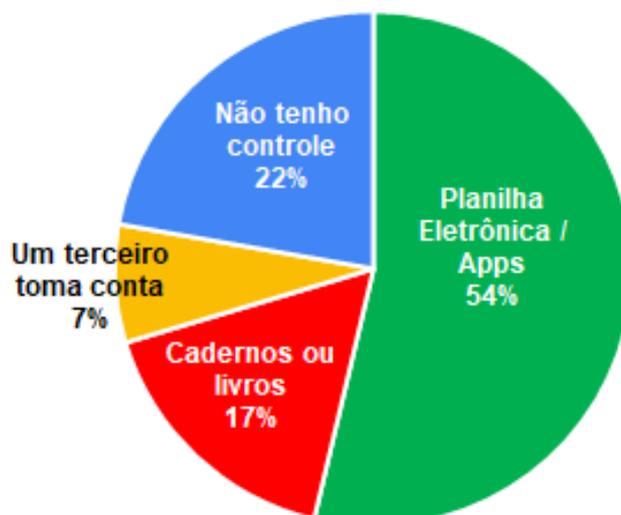
mais de 50% da renda mensal, mostrando que existe uma relação entre o quanto se ganha por mês e o quanto se consegue poupar.

Figura 6 - Percentual de renda investido / Situação financeira no final do mês



A organização e controle das finanças parece ser bem definida pelos participantes já que a maior parte (78%) diz possuir o controle financeiro através de planilhas, anotações ou por meio de uma terceira pessoa que toma conta. A minoria são pessoas sem controle algum das finanças pessoais (Figura 7). Este resultado também pode ser relacionado com a situação financeira dos respondentes, onde a grande maioria (70%) afirmou conseguir pagar todas as contas do mês e ainda sobrar um recurso. Talvez uma pessoa que ganhe bem mais que a média brasileira não consiga poupar simplesmente porque não sabe o que ela mesmo faz com o dinheiro, enquanto um indivíduo que ganha bem menos, consegue sempre ter um recurso poupado no fim do mês, pois controla todos seus ganhos e gastos.

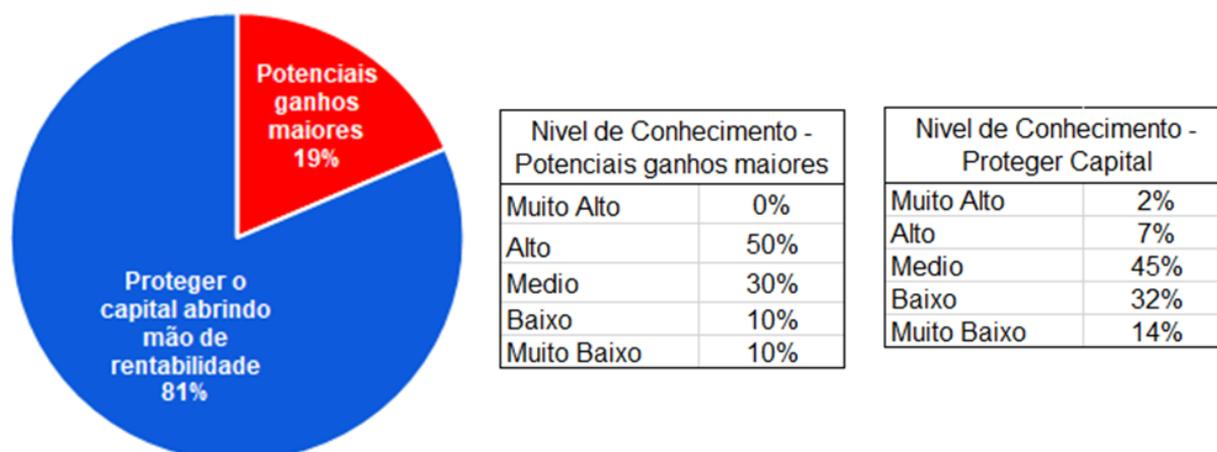
Figura 7 – Controle sobre as próprias finanças



4.3 Relação com Risco

Pires et al. (2012) afirmam que, desde cedo, o brasileiro já é influenciado a enxergar o Brasil como um país de alto risco financeiro. Isso o faz preferir proteger seu capital com ativos menos arriscados, abrindo mão de potenciais ganhos maiores ao não aceitar riscos. Os resultados da pesquisa indicam essa tendência, pois quando perguntados qual seria o objetivo principal ao investir, 81% dos respondentes disseram priorizar a proteção do capital, enquanto 19% aceitam correr mais riscos para tentar obter rentabilidades maiores (Figura 8). Dentre aqueles que preferem potencializar seus ganhos, a maioria considera possuir um conhecimento financeiro alto, enquanto a maioria que prefere proteger seu capital, considera seu nível de conhecimento mediano, com uma grande parcela também com conhecimento baixo. O mesmo resultado é visto no trabalho de Campbell (2006) que declara que pessoas com alto grau de educação financeira, tendem a investir mais no mercado de ações, que é um mercado arriscado. Os indivíduos com maior conhecimento financeiro, conseguem analisar melhor o mercado, e por conta disso, se expõem mais aos riscos, buscando rentabilidades maiores (AMORIM, 2018).

Figura 8 - Principal objetivo ao investir



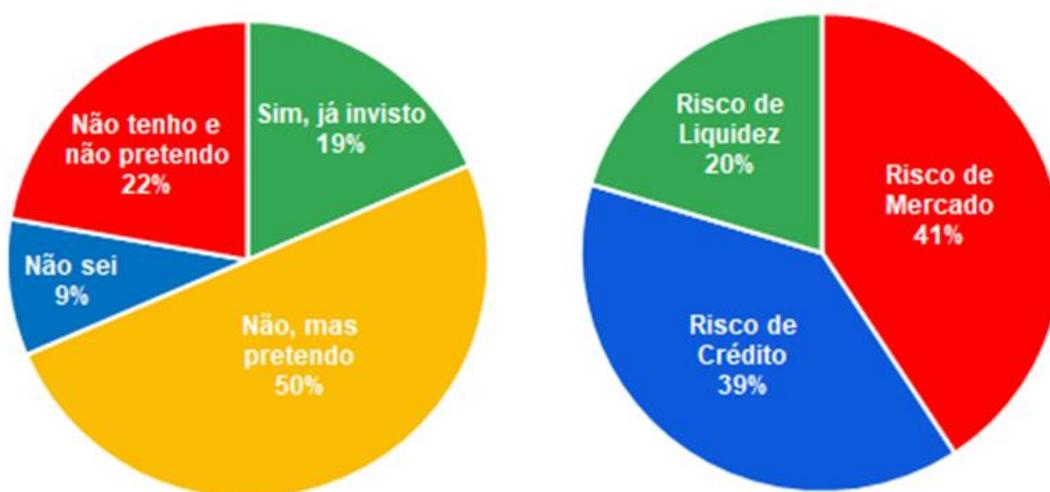
Outros dados encontrados também estavam alinhados às afirmações de Pires et al. (2012) de que parte dos brasileiros criaram uma ideia de aversão a Bolsa de Valores, por conta do histórico de volatilidade inflacionária vivido na década de 1990. Dos participantes da pesquisa, quase 25% afirmaram que não aplicariam no mercado de ações por conta do risco (Figura 9) sendo o risco de mercado (oscilações de preços do mercado como um todo) o mais temido entre os respondentes. Entretanto, uma grande parcela (50%) diz não participar desse mercado ainda, mas pretende começar a investir, sendo que entre eles, 51% classificou o próprio conhecimento como “Médio” e 30% como “Baixo”.

Os resultados ajudam a perceber que os indivíduos parecem ser bastantes sensíveis ao risco de mercado, sendo classificado por eles como que o mais deve ser evitado, e esse é justamente o risco que afeta a economia de um país como um todo e não somente um setor ou empresa específica. Em consequência disso, na tentativa de evitar o risco de mercado, as pessoas buscam proteger o seu capital mesmo que isso implique abrir mão de rentabilidades maiores. Para os participantes, é mais vantajoso ver o seu dinheiro rendendo pouco ao longo do tempo, mas com certa tranquilidade, ao ter a chance de receber retornos excelentes aceitando também a chance de ver esse patrimônio diminuir. Esse tipo de aversão ao risco fica bem claro quando uma parcela considerável (22%) de participantes afirmou não ter nenhum tipo de aplicação na Bolsa de Valores, e nem a pretensão de ter no futuro, por conta do risco que este mercado oferece. Ao mesmo tempo, a maioria (50%) das pessoas ainda tem o desejo de estar

inserido na Bolsa de Valores no futuro, e talvez estejam buscando o conhecimento que julgam necessário para se sentirem confortáveis e começar suas operações.

Bertão (2020) evidencia a procura das pessoas pela bolsa de valores, mostrando que o número de pessoas físicas com contas abertas, chegou a 2.958.442 em agosto de 2020. Comparando esse número, com dezembro de 2019, houve um crescimento de 76% no número de CPFs, em apenas 8 meses.

Figura 9 - Intenção de investir na bolsa de valores / Tipo de risco percebido



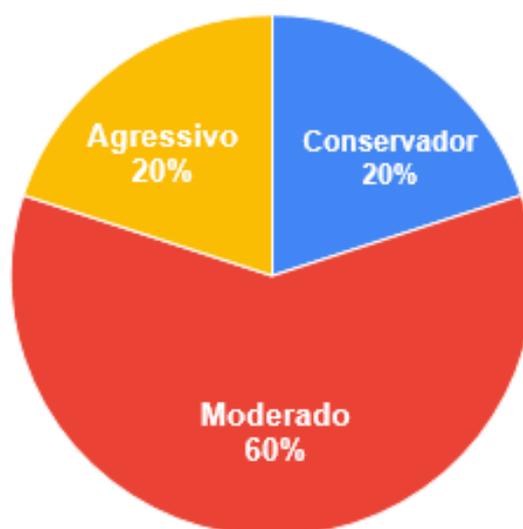
4.4 Perfil de Risco

Antes de iniciar qualquer tipo de aplicação, um investidor é instigado a conhecer o seu perfil de investimento, que serve para identificar quais riscos ele estaria disposto a correr, e qual a rentabilidade esperada da carteira. As instituições financeiras utilizam um questionário chamado de API (Análise de Perfil do Investidor) de modo a classificar o cliente em uma das categorias e facilitar a escolha de produtos (RAMBO, 2014)

Na tentativa de replicar os questionários API de instituições financeiras, foram realizadas algumas perguntas no questionário de pesquisa que permitissem uma classificação preliminar do perfil de risco dos respondentes. As questões 9, 10, 11, 14,

15, 17, 18, 19, 20 e 21, que foram retiradas de questionários especializados em risco, foram utilizadas para este fim. Para cada resposta disponível, foi atribuída uma pontuação de 0 a 4, sendo 0 a opção de resposta mais conservadora e 4 a opção de resposta mais agressiva, ao final de todas as respostas, os pontos foram somados. A pontuação mínima possível era de 9 pontos, e a máxima de 36 pontos. Aquele participante que teve pontuação de 9 até 17 foi classificado como “Conservador”, de 18 a 26 pontos como “Moderado”, e de 27 até 36 pontos como “Agressivo”. A maioria dos respondentes (60%) foi classificada com o perfil Moderado, enquanto os perfis Conservador e Agressivo, empataram com 20% dos participantes (Figura 10).

Figura 10 – Perfil de aceitação de risco dos participantes



Ressalta-se, contudo, que o perfil de um investidor e sua aceitação de riscos não são estáticos, e podem mudar com o passar do tempo. Por isso é aconselhado que a análise do perfil seja refeita sempre quando se desejar reavaliar os investimentos ou iniciar novas (BIDARTE, et al., 2015)

No trabalho de Rambo (2014) é mencionada uma pesquisa do Instituto de Pesquisas Rosenfield, encomendada pela BM&FBOVESPA, realizada com 2 mil pessoas, que classificou o perfil da maioria dos brasileiros como conservadores e avessos a riscos. Como o número de respondentes foi limitado, não podemos afirmar que o perfil dos brasileiros mudou, apesar do perfil Conservador representar apenas 20% dos participantes, esse número poderia aumentar caso a pesquisa fosse feita em

diversas localidades, com respondentes de diversas idades, além disso, a média de renda dos brasileiros é diferente da média da amostra na pesquisa, fator que pode alterar consideravelmente os resultados..

O perfil “Conservador” é definido por Rambo (2014) como sendo aquele em que prioriza a segurança em sua tomada de decisões, não aceita, ou aceita pouco risco e tem como foco a preservação do seu capital. Entre os participantes que foram classificados no perfil Conservador, nenhum deles avaliou o próprio nível de educação financeira como Alto ou Muito Alto, e a maioria (55%) classificou-se como Muito Baixo. Além disso, 73% disseram nunca ter estudado sobre educação financeira (Figura 11). Esse tipo de resultado pode sugerir a existência de uma correlação entre o nível de educação e a aceitação de riscos, indicando que uma pessoa que não se julga conhecedora no assunto, prefere não se arriscar.

Notou-se que todas as pessoas com perfil Conservador na pesquisa, são mulheres, dando uma ideia de que o gênero possa ter relação com a tomada de decisões. Segundo Keese (2010) as mulheres são mais propensas a perceber melhor o risco, e menos audaciosas quanto às finanças, podendo explicar um pouco o fato de termos apenas mulheres no perfil Conservador (Figura 11).

Quanto à renda e ao ensino, a maioria das pessoas (72%) no perfil Conservador possuem renda familiar abaixo de R\$5.225,00 e tiveram seu ensino básico na rede pública (Figura 11).

Figura 11 - Características do Perfil Conservador

Nível de Educação	Onde aprendeu	Identificação Social
0% Muito Alto	18% Faculdade	100% Mulheres
0% Alto	9% Cursos Online	0% Homens
18% Médio	9% Sozinho	
27% Baixo	9% Palestra e evento	
55% Muito baixo	73% Nunca estudei	
Renda	Ensino Fundamental	Ensino Médio
36% Menor que 2.090	55% Escola Pública	55% Escola Pública
36% Entre 2.090 e 5.225	45% Escola Privada	45% Escola Privada
19% Entre 5.225 e 10.450		
9% Maior que 10.450		

O perfil Moderado, é um meio termo entre o Conservador e o Agressivo, preocupado tanto com o risco quanto a rentabilidade. É conceituado como o perfil que “busca segurança nos investimentos, mas também aceita investir em produtos com maior risco que podem proporcionar ganhos melhores no longo prazo” (BANCO DO BRASIL, 2020). Por ser o perfil que está no meio do caminho, os resultados foram bem mesclados, sem muita concentração em apenas uma das respostas. A maior parte das pessoas (53%) classificou seu nível de educação financeira como médio, a maioria (56%) diz ter aprendido o que sabe sozinho, e a renda se concentra em maior parte (53%) em salários acima de R\$10.450 (Figura 12). Os resultados foram parecidos com os verificados no trabalho de Bidarte, et al. (2015) em que se estudou o perfil de risco de universitários e o perfil apontado na pesquisa foi o Moderado.

Figura 12 - Características do Perfil Moderado

Nível de Educação	Onde aprendeu	Identificação Social
0% Muito Alto	28% Faculdade	50% Mulheres
10% Alto	13% Cursos Online	6% Não responderam
53% Médio	56% Sozinho	44% Homens
34% Baixo	8% Palestra e evento	
3% Muito baixo	25% Nunca estudei	
Renda	Ensino Fundamental	Ensino Médio
6% Menor que 2.090	19% Escola Pública	22% Escola Pública
13% Entre 2.090 e 5.225	81% Escola Privada	78% Escola Privada
28% Entre 5.225 e 10.450		
53% Maior que 10.450		

O perfil Agressivo (também chamado de Arrojado) é conceituado por Santander (2020) como o cliente que tem alta tolerância a riscos, sem necessidade ou pouca necessidade de liquidez no curto prazo, e que está disposto a ter eventuais perdas na carteira por conta de oscilações do mercado, com objetivo de obter rendimentos melhores no longo prazo.

Neste perfil a maioria (46%) das pessoas classificou seu nível de educação financeira como alto, uma parcela bem pequena (9%) se classificou como baixo e ninguém se classificou como muito baixo (Figura 13), mostrando que pode existir uma relação entre a percepção que o indivíduo tem sobre seu conhecimento financeiro e sua aceitação de riscos.

Todos as respondentes com o perfil agressivo disseram já ter estudado sobre educação financeira, ninguém afirmou nunca ter estudado, sendo que 91% estuda sozinho, mas uma boa parcela de 46% também estudou o assunto na faculdade e em cursos online (Figura 13).

Zuckerman e Kuhlman (2000) em seu trabalho, identificaram que a impulsividade é uma característica mais presente nos homens, e esse pode ser um dos fatores que explica o fato de 100% dos participantes do grupo “Agressivo” se identificaram como homens (Figura 13).

A renda familiar dos participantes do grupo, se mostrou concentrada na maior parte (64%) em “Maior que R\$10.450,00”, enquanto as opções “Menor que R\$2.090,00” e “Entre R\$2.090,00 e R\$5.225,00”, não foram marcadas por nenhum respondente do grupo agressivo (Figura 13). Esse fato transmite a ideia de que a aceitação de riscos está ligada ao quanto se ganha por mês, já que é mais provável que um salário familiar maior, permita com que se poupe mais e se possa aceitar riscos maiores, uma vez que se está aplicando o que sobra, e não o dinheiro necessário para pagamento de contas e a sobrevivência dos familiares. Além disso, aplicações atreladas a ativos de maiores riscos como ações e derivativos, podem incorrer custos maiores (como taxa de corretagem) e isso poderia explicar o motivo desses ativos serem buscados por quem possui maior renda.

O ensino básico também revela uma grande diferença entre os perfis de investidores. Todos os participantes classificados no perfil Agressivo, estudaram em escolas particulares, nenhum deles estudou em escola pública no Ensino Fundamental e nem Médio (Figura 13). Apesar da necessidade de outras pesquisas sobre o assunto, um resultado como esse pode sugerir que se os brasileiros tivessem uma qualidade do ensino público parecido com o ensino privado, teríamos resultados bem diferentes em assuntos como o perfil de investimentos da maioria dos brasileiros, a quantidade de pessoas que investem em ativos diversificados e não somente poupança e o número de participantes na Bolsa de Valores brasileira. Resultados como esse insinuam que a educação na base do indivíduo (infância e adolescência) é fundamental para o caminho como investidor que ele seguirá no futuro.

Figura 13 - Características do Perfil Agressivo

Nível de Educação	Onde aprendeu	Identificação Social
9% Muito Alto	46% Faculdade	100% Homens
46% Alto	46% Cursos Online	0% Mulheres
36% Médio	91% Sozinho	
9% Baixo	36% Palestra e evento	
0% Muito baixo	0% Nunca estudei	
Renda	Ensino Fundamental	Ensino Médio
0% Menor que 2.090	0% Escola Pública	0% Escola Pública
0% Entre 2.090 e 5.225	100% Escola Privada	100% Escola Privada
36% Entre 5.225 e 10.450		
64% Maior que 10.450		

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Seguindo o objetivo da pesquisa, os resultados sugerem que as pessoas que se consideram mais educadas em relação à finanças são mais propensas a se inserirem no mercado financeiro, uma vez que conhecem mais o funcionamento e dinâmica do mercado, e são menos sensíveis aos riscos, optando por investir em diversos ativos com diferentes níveis de riscos. Aqueles indivíduos que não consideram ter um conhecimento bom, geralmente optam por não investir na bolsa de valores (um mercado de maior risco) e buscam aplicações com mais segurança, sendo classificados como conservadores. Eles também se mostraram menos dispostos a começar a investir.

A educação financeira também não é o único motivo que leva um indivíduo a se inserir no mercado; fatores como a renda familiar mostraram certa influência em relação a aceitação de riscos dos respondentes. Aqueles com renda familiar maior, se mostraram mais abertos a tomada de riscos, pensam mais no longo prazo, não se sentindo incomodados com oscilações de curto prazo. A relação entre a educação financeira e a renda familiar pode estar no fato de pessoas com mais renda conseguirem pagar por melhores escolas, faculdades, e conseqüentemente uma melhor educação financeira. Entretanto, ainda são necessários mais estudos sobre o tema e sobre a influência que cada fator pode exercer na tomada de decisões.

Pelo baixo número de respostas, não podemos confirmar que o gênero do indivíduo influencia em sua tomada de decisões. Entretanto é interessante notar que todos os participantes classificados no perfil “Agressivo” se identificaram como homens, e todos do perfil “Conservador” se identificaram como mulheres. Futuras pesquisas poderiam ajudar a entender se, e como o gênero pode afetar nossas decisões sobre investimentos.

A economia de um país se torna muito forte e sólida quando se tem um mercado de capitais eficiente e com liquidez, e isso implica dizer com um número grande de participantes. O investimento em educação financeira na base da educação, como no ensino fundamental, pode refletir em um futuro próximo, milhões de pessoas que se consideram aptas a participar do mercado de capitais ativamente e

constantemente, ajudando não só o mercado financeiro a se solidificar, mas também o Brasil como um todo, atraindo investimentos estrangeiros, melhorando a capacidade de crédito do país, que pode ser refletido em mais infraestrutura e conhecimento para toda a nação.

Uma das principais limitações que a pesquisa tem é quanto ao número de participantes que responderam ao questionário, e pela amostra estar focada em estudantes universitários com alta renda. Com uma amostra maior, englobando pessoas de diferentes cidades, meios sociais, nível de escolaridade e idade, os resultados podem se mostrar outros quanto a saúde financeira dos brasileiros e o interesse na educação financeira.

Por fim, deixo como sugestões de novas pesquisas relacionadas ao tema, a análise dos conteúdos e materiais consumidos por pessoas que buscam conhecimentos financeiros por conta própria; e um estudo relacionando a visão dos brasileiros com a bolsa de valores, na tentativa de identificar o pensamento sobre o mercado de capitais, e se ainda há a ideia de que é um jogo de sorte, ou essa visão já não é ou é pouco encontrada entre os brasileiros.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Klerton Andrade Freitas de et al. A influência da educação financeira na inserção dos investidores no mercado de capitais brasileiro: um estudo com discentes da área de negócios. **RACE, Revista de Administração, Contabilidade e Economia**, Joaçaba: Ed. Unoesc, v. 17, n. 2, p. 567-590, maio/ago. 2018. Disponível em: <<http://editora.unoesc.edu.br/index.php/race>>. Acesso em: 05/09/2019.

BANCO DO BRASIL. **Análise do Perfil do Investidor**. Disponível em: <https://www.bb.com.br/pbb/pagina-inicial/empresas/produtos-e-servicos/investimentos/analise-de-perfil-do-investidor#/> Acesso em 13/11/2020

BERTÃO, Naiara. Número de pessoas físicas na bolsa cresce ainda mais em agosto e encosta em 3 milhões. **Valor Investe**. São Paulo, 02 set. 2020. Disponível em: <https://valorinveste.globo.com/mercados/renda-variavel/noticia/2020/09/02/numero-de-pessoas-fisicas-na-bolsa-cresce-ainda-mais-em-agosto-e-encosta-em-3-milhoes.ghtml>. Acesso em 20/11/2020

BIDARTE, Marcos Vinicius Dalagostini et al. Perfil Do Investidor E Variáveis Sociodemográficas: Uma Análise Com Estudantes Universitários. **XXIII Seminário de Iniciação Científica - Salão do Conhecimento UNIJUÍ 2015**, 28 ago. 2015.

BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social). **Risco de Mercado e Liquidez**. BNDES: Brasília, 2019.

BRASIL. Estratégia Nacional de Educação Financeira – ENEF, **Efeitos de Longo Prazo na Educação Financeira em Escolas Brasileiras: evidências e sugestões de políticas**, 2019. Disponível em: <https://www.vidaedinheiro.gov.br/avaliacao-de-impacto/>. Acesso em: 01/09/2020.

BRAUNSTEIN, Sandra; WELCH, Carolyn. Financial Literacy: An Overview of Practice, Research, and Policy. **Federal Reserve Bulletin**, vol. 88, n. 11, p.445-457, nov.2002

BRÖNSTRUP, T. M.; BECKER, K. L. Educação Financeira nas Escolas: Estudo de Caso de Uma Escola Privada de Ensino Fundamental no Município de Santa Maria (RS). **Revista CAMINE: Caminhos da Educação**, Franca, v. 8, n. 2, 2016.

CAMPBELL, J. Y. Household Finance. **The Journal of Finance**, v. 61, i. 4, p.1553-1604, 2006.

CAPOZOLI, Rosângela. Cresce interesse de empresas pela educação financeira de colaboradores. **Valor Econômico**, São Paulo, 31 jan.2019. Finanças. Disponível em: <https://valor.globo.com/financas/noticia/2019/01/31/cresce-interesse-de-empresas-pela-educacao-financiera-de-colaboradores.ghtml>. Acesso em: 31/08/2020.

CHAGUE, Fernando; GIOVANNETTI, Bruno. É Possível Viver de Day-Trading? **Cointimes**. 05 mar. 2019. Disponível em: <https://cointimes.com.br/wp-content/uploads/2019/03/Viver-de-day-trading-1.pdf>

CRUZ, Daniele Barbist et al. Educação Financeira Para Crianças e Adolescentes na Região Metropolitana de Curitiba. **Revista Estação Científica**, Juiz de Fora, n. 17, 2017

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6ª. ed. São Paulo: Atlas S.A., 2008.

GOLLO, Romário de Souza. **Mercado de Capitais: Uma Contribuição para o Entendimento do Mercado Acionário**. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-Graduação em Administração) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

HOFFMANN, Arvid. BROEKHUIZEN, Thijs. Understanding Investors Decisions to Purchase Innovative Products: Drivers of Adoption Timing and Range. **International Journal of Research in Marketing**. August 2010.

JÚNIOR, Francisco Henrique Figueiredo de Castro; FAMÁ, Rubens. As Novas Finanças e a Teoria Comportamental no Contexto da Tomada de Decisão sobre Investimentos. **Caderno de Pesquisas em Administração**, São Paulo, v. 09, n. 2, p. 25-35, abril/junho 2002.

KAHNEMAN, Daniel, TVERSKI, Amos. Prospect Theory: an analysis of decision under risk. **Econometrica - Journal of The Econometric Society**, v. 47, n. 2, p. 263-291, Mar. 1979

LANZARINI, Joelcy José Sá et al. A Popularização do Mercado de Ações Brasileiro: as mudanças recentes na bolsa de valores. In: **ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO**, 31, Belo Horizonte, 2011. Anais. Associação Brasileira de Engenharia da Produção.

LARGHI, Nathália. Jovens de 16 a 25 anos já passam de 10% na bolsa; veja quem são eles. **Valor Investe**, São Paulo, 06 dez.2016. Bolsas e Índices. Disponível em: <https://valorinveste.globo.com/mercados/renda-variavel/bolsas-e-indices/noticia/2019/12/06/jovens-de-16-a-25-anos-ja-passam-de-10percent-na-bolsa-veja-quem-sao-eles.ghtml>. Acesso em: 31/08/2020

LUZ, Jefferson Oliveira Cristovão; SANTOS, Márcio Eugen Klingenschmid Lopes. Educação Financeira Para Jovens do Ensino Médio. **VII Encontro Mineiro de Educação Matemática - Universidade Federal de Juiz de Fora**, Juiz de Fora, 2015.

MATTA, Rodrigo Octávio Beton. **Aplicação do Modelo Transteórico de Mudança de Comportamento para o estudo do Comportamento Informacional de Usuários de Informação Financeira Pessoal**. 2012. Tese (Pós-Graduação em Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista de Marília, Marília, 2012.

MATSUMOTO, Alberto Shigueru et al. Educação Financeira: estudo comparativo entre estudantes de uma universidade pública (PR) e uma privada (DF). **XVI SemeAD - Seminários em Administração**, out.2013.

MEIER, Stephan.; SPRENGER, Charles D. Discounting financial literacy: Time preferences and participation in financial education programs. **Journal of Economic Behavior & Organization**, Estados Unidos, p. 159-174, 2012.

MOREIRA, Leonardo de Lima. **Risco de Mercado: Análise Comparativa de Métodos de Mensuração de Risco Aplicado ao Mercado Brasileiro**. Dissertação (Mestrado em Gestão Econômica de Negócios) - Programa de Pós-Graduação em Economia, Universidade de Brasília-UnB, Brasília (DF), 2006.

OCDE. **Recomendação sobre os Princípios e as Boas Práticas de Educação e Conscientização Financeira**. Julho, 2005. Disponível em: <https://www.oecd.org/finance/financial-education/improvingfinancialliteracyanalysisofissuesandpolicies.htm>

OLIVEIRA, Odilon Antonio de. **Avaliação técnica de modelo de mensuração de risco de mercado: uma aplicação prática para portfólio de renda variável**. 142 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Brasília, FACE, Departamento de Economia, 2004.

PINESE, Henrique Penatti; MORIGUCHI, Stella Naomi; PIMENTA, Marcio Lopes. Os valores pessoais que orientam o comportamento de jovens universitários como investidores da bolsa. **ReA UFSM - Revista de Administração da UFSM**, Santa Maria, v. 8, n. 4, p. 598-615, outubro/dezembro 2015.

PIRES, Diniz et al. Educação Financeira como estratégia para inclusão de jovens na bolsa de valores. **Tourism and Management Studies International Conference**, Proceedings... Algarve, Portugal. 2012, v. 3, p. 720-730

RAMBO, Andrea Carneiro. **O Perfil Do Investidor e Melhores Investimentos: da teoria à prática do mercado brasileiro**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Econômicas). Curso de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

ROGERS, Pablo; SECURATO, José Roberto; FAVATO, Verônica. Efeito educação financeira no processo de tomada de decisões em investimentos: Um estudo a luz das finanças comportamentais. **II Congresso da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Ciências Contábeis**, 1 jan. 2008. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/281901689_Efeito_educacao_financeira_no_processo_de_tomada_de_decisooes_em_investimentos_Um_estudo_a_luz_das_fincas_comportamentais. Acesso em: 1 set. 2020.

SANTANDER. **Análise de Perfil do Investidor**. Disponível em: <https://www.santandercorretora.com.br/portal/wps/script/templates/GCMRequest.do?page=9638&entryID=8692>. Acesso em 16/11/2020

SILVA, Plinio Marcos de Sousa. **Mercado de Capitais: Sistema Protetivo dos Interesses Coletivos dos Investidores e Consumidores**. Dissertação (Mestrado em Direito) - Faculdade de Direito "Lauro de Camargo", Universidade de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, 2008.

YOSHINAGA, Claudia Emiko et al. Finanças Comportamentais: Uma introdução. **Revista de Gestão USP**, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 25-35, set. 2008.

ZUCKERMAN, Marvin; KUHLMAN, D. Michael. **Personality and risk-taking: Common biosocial factors**. *Journal of Personality*, v. 68, n. 6, p. 999-1029, 2000.

APÊNDICE

Questionário da pesquisa

Pesquisa - A Influência da Educação Financeira na Inserção do Jovem no Mercado Financeiro

Olá, me chamo Alexandre Lélis de Freitas e esta é uma pesquisa do curso de Administração da Universidade de Brasília - UnB. Todos os dados serão mantidos em sigilo, e você pode interromper a participação na hora que desejar. Ao continuar você concorda em participar da pesquisa. Muito Obrigado!

Seção 1 – Informações Iniciais

01) Como você classifica o seu nível de entendimento sobre finanças?

- () Muito Alto
- () Alto
- () Médio
- () Baixo
- () Muito Baixo

02) Sobre a afirmação "O conhecimento que eu possuo sobre finanças, é o suficiente para eu ter uma vida financeira bem organizada", você:

- () Concorda
- () Concorda parcialmente
- () Discorda

03) Onde você aprendeu sobre Educação Financeira? (Pode marcar mais de uma opção)

- () Faculdade (com disciplinas específicas)
- () Cursos Online
- () Estudando sozinho por diversos meios (revistas, livros, internet)
- () Palestras e Eventos
- () Nunca estudei sobre Educação Financeira

04) Qual fonte você mais utiliza para se atualizar sobre notícias de finanças? (Pode marcar mais de uma opção)

- () Televisão
- () Rádio
- () Jornais (impresso ou online)
- () Revistas especializadas
- () Redes Sociais
- () Internet (sites gerais, blogs, vídeos, etc.)
- () Sites de Notícias
- () Outros

05) Antes de tomar qualquer decisão sobre investimentos, o que você procura fazer? (Pode marcar mais de uma opção)

- () Converso com amigos ou familiares
- () Consulto um especialista
- () Leio notícias sobre o mercado
- () Tomo decisões com base em meus conhecimentos e instintos

06) Quando se trata de Educação Financeira, qual a sua opinião?

- () É um assunto que deveria ser ensinado para crianças nas escolas
- () Cabe aos responsáveis dar a devida educação financeira às crianças
- () Deveriam aprender sobre Educação Financeira apenas aqueles que optem por isso
- () Não sei / Não tenho resposta definida

Seção 2 – Educação Financeira

07) Quanto da sua renda você poupa por mês?

- () Nada
- () Menos de 1 0%
- () Entre 10% e 30%
- () Entre 30% e 50%
- () Mais de 50%

08) Com quais tipos de investimentos você tem mais familiaridade? (Pode escolher mais de uma opção)

- () Poupança, CDB, LCI, LCA ou Fundos DI
- () Fundos Multimercados, Fundos Cambiais ou Fundos de Ações
- () Ações, Derivativos ou COE
- () Nenhum

09) Qual o seu principal objetivo ao investir?

- () Economizar para a aposentadoria
- () Realizar um sonho
- () Aumentar meu patrimônio

10) Em quanto tempo você pretende atingir esse objetivo?

- () Até 1 ano
- () Entre 1 e 5 anos
- () Entre 5 e 10 anos
- () Mais de 10 anos
- () Não tenho recursos investidos

11) Ao receber os lucros sobre os seus investimentos, você:

- () Investiria também os lucros, aumentando minha carteira
- () Gastaria os lucros e manteria o capital investido
- () Não sei / Não tenho resposta definida

12) Quais desses aspectos você acha mais importante na hora de escolher uma corretora ou banco para começar a investir seu dinheiro: (marque no máximo três alternativas)

- () Marque todas que se aplicam.
- () Menores Custos
- () Profissionais mais capacitados tecnicamente
- () Plataforma mais fácil de navegar
- () O que oferece maiores taxas para títulos parecidos
- () Melhor atendimento e cordialidade
- () Relação de confiança

13) Como você considera ser a sua situação atual?

- () Pago todas as minhas contas e sobra um pouco para poupar
- () Pago todas as minhas contas, mas não sobra nada
- () Frequentemente preciso de dinheiro emprestado para pagar minhas contas
- () Não sei / Não tenho resposta definida

14) Para dar início nos seus investimentos, o que você daria prioridade:

- () Juntar uma grande quantidade de dinheiro antes de investir
- () Criar uma reserva de emergência e investir o resto
- () Começar investindo tudo que sobra, mesmo que seja pouco valor

15) O que você costuma fazer quando recebe um recurso extra?

- () Acerto minha vida financeira
- () Gasto a maior parte com experiências que me dão prazer e invisto o resto
- () Reservo uma parte, mantendo minha estratégia de investimentos
- () Aproveito para aplicar uma parte em ativos mais arrojados
- () Não sei / Não tenho resposta definida

16) Como você organiza sua vida financeira (entrada e saída de recursos)?

- () Planilhas eletrônicas / Aplicativos de Celular
- () Anotações em cadernos ou livros
- () Um terceiro toma conta da minha vida financeira
- () Não tenho nenhum controle dessas informações

Seção 3 – Risco Financeiro

17) Quando você pensa em investir seu dinheiro, o que você prioriza?

- () Prefiro ter potenciais ganhos maiores, mesmo que impliquem maiores riscos
- () Prefiro proteger meu capital, mesmo que tenha ganhos menores

18) Pensando no mercado de ações, quais atitudes você tomaria?

- () Aplicaria pensando no longo prazo não me importando com as oscilações no meio do caminho
- () Faria aplicações de vez em quando visse uma oportunidade que considero interessante
- () Não aplicaria no mercado de ações por conta do risco

19) Por conta de oscilações de mercado, considere que seus investimentos perderam 20% do valor aplicado. Neste caso, você:

-) Não sei o que faria
-) Venderia toda a posição para não perder mais
-) Manteria a posição
-) Aumentaria a posição, já que agora os títulos estão mais baratos

20) Você tem recursos investidos na Bolsa de Valores?

-) Sim, já invisto
-) Não, mas pretendo investir
-) Não sei, um terceiro toma conta da minha carteira
-) Não tenho e não pretendo

21) Entre os tipos de risco abaixo, qual você se considera mais sensível, ou evitaria mais:

-) Risco de Mercado (oscilações de preços do mercado como um todo)
-) Risco de Crédito (o devedor não ter dinheiro para te pagar. Ex: falir)
-) Risco de Liquidez (tentar resgatar seu dinheiro, mas ter que esperar muito e não ter o recurso no momento que se precisa)

Seção 4 – Dados Sociodemográficos

22) Idade:

23) Identificação Social:

-) Mulher
-) Homem

24) Curso de formação ou de interesse:

25) Renda Familiar:

-) Menor que R\$2.090
-) Entre R\$2.090 e R\$5.225
-) Entre R\$5.225 e R\$10.450
-) Maior que R\$10.450

26) Seu Ensino Fundamental foi em:

-) Escola Pública
-) Escola Privada
-) Não concluído

27) Seu Ensino Médio foi em:

-) Escola Pública
-) Escola Privada
-) Não concluído

28) Seu Ensino Superior foi em:

- () Universidade Pública
- () Universidade Privada
- () Não concluído